

“OS AMORES DE LUSITÂNIA”

1 – Descrição do projecto e do argumento cinematográfico

A curta-metragem “Os amores de Lusitânia” constitui uma reflexão crítica sobre a situação dos jovens portugueses desde o impacto da crise financeira de 2008. No entanto, o projecto pretende despertar o espectador para a presença de denominadores comuns, transversais a diferentes épocas, no que concerne às relações de dependência entre o poder político e económico, bem como aos decrescentes níveis de participação e envolvimento da sociedade civil na realidade do país.

Nesta curta-metragem uma menina, menina-velha, é seduzida à beira-mar por um Senhor. Entrega-se a ele sem reservas, apesar do receio ou confusão. A sua existência depende dele e nada o detém. Contudo, este Senhor possessivo é possuído também. Outro homem, diferentes poderes, a mesma atracção. Também a existência do Senhor é da ordem da dependência. Ela, habituada a estes trios, é conduzida mais uma vez ao encontro de um dos seus filhos. Este tenta libertar a mãe deste duplo domínio e, assim, recuperar o seu livre arbítrio também. Depois da luta, há decisões a tomar na família. Mesmo que a decisão possa ser a de não decidir. Haverá uma nova distribuição de poderes pois não existem vazios de poder. Mas nestas cadeiras de poder à beira-mar nenhuma fica por ocupar.

2 – Declaração de intenções

A principal intenção desta obra é questionar, problematizar. É contar uma história com a qual se possam identificar alguns dos filhos da Lusitânia. Pretende-se apresentar os dados de um jogo que jogamos desde o primeiro choro. Ou que alguém joga por nós. Simbologias de poderes, de partidos políticos, de poderes económicos e de instintos “maternais”. O projecto inscreve-se, assim, na tendência que se tem afirmado nas artes plásticas e do espectáculo, em particular na última década, de trabalho a partir e sobre a história contemporânea portuguesa, lançando-lhe interrogações, propondo leituras alternativas, num esforço, em última análise, de compreensão do país e de nós próprios.

A crise e as crises de Portugal levaram Emanuel Rodrigues a emigrar em 2012. Foi em Praga, ironicamente longe da sua (nossa) Lusitânia, que começou a pensar sobre ela, no que o intrigava e entristecia numa relação que parecia condenada ao falhanço. Dois

autores influenciaram o modo como veio a pensar trabalhar criativamente sobre esta relação. Por um lado, o trabalho de Ettore Scola no filme “Le Bal” (O Baile), pela forma como a história de um povo no contexto do século XX é contada num só espaço e sem qualquer palavra. O presente projecto procura também este minimalismo capaz de atingir a máxima expressividade. Em segundo lugar, Roland Barthes despertou o seu interesse pela exploração do potencial do símbolo enquanto estratégia comunicativa, e pelo exercício, sempre actual e necessário, de reavivar e recriar simbologias. O acto de deixar um país propulsiona a criação de uma nova rede de signos, que a memória (sempre uma ficção de alguma forma) ajuda a tornar operativos. As personagens desta história são todas elas signos, cuja construção interpretativa se mistura com a história pessoal de Emanuel Rodrigues, afinal paralela a tantos outros. Da mesma forma, a terra de que partiu apresenta muitos laços com tantas outras terras europeias, afectadas, em maior ou menor escala, pela mesma crise, uma crise que questionou a identidade da Europa, a dividiu de forma significativa e nos consciencializou para a natureza eminentemente económica.

3 – Fundamentação artística

Este projecto assenta numa assumida ponte entre disciplinas artísticas: uma equipa com larga experiência em teatro lança-se, com o necessário apoio técnico, no universo cinematográfico. Fá-lo com a convicção de que tal cruzamento configura uma oportunidade de gestação de propostas artísticas inovadoras, capitalizando para o cinema ferramentas teatrais de pensamento e acção.

O enorme e inabitual peso conferido ao narrador, responsável pela condução do espectador através da história, visa criar na assistência a expectativa da narração de um conto infantil, ou seja, a predisposição para uma moralidade linear e uma resolução do conflito no final. Tal sensação é progressivamente frustrada e retirada ao espectador, à medida que o mesmo se confronta com a nebulosa duplicidade das personagens, a ambiguidade das relações e a percepção de que o final permanece em aberto e, no limite, dependente dele próprio. A atitude passiva de quem ouve um conto é substituída pela paulatina identificação do espectador com uma ou mais personagens e pela sua responsabilização pelo desfecho que o narrador entrega à sua imaginação/acção. O apaziguamento expectável do final do conto dá lugar à dúvida, à reflexão, ao debate interior.

A raridade dos diálogos entre as personagens, particularmente notória na personagem que toca todas as outras (a menina-velha, símbolo da pátria), reforça a ideia de uma ausência de vontade própria ou o envolvimento das personagens numa rede de silêncios e anuências cúmplices. O facto de nenhuma possuir um nome próprio e apenas uma caracterização sumária (as figuras masculinas com as respectivas iconografias dos poderes político e económico por um lado; a menina-velha de cabelo revoltado e traje branco remetendo, por outro, para o binómio pátria-liberdade em movimento, neste caso ironicamente amputado; o rapaz reduzido a um número identificatório) sublinha a atemporalidade da história, potencia a correlação com diferentes contextos geográficos e incentiva o espectador a convocar a sua narrativa pessoal na compreensão da dinâmica deste trio.

Outro dos aspectos singulares desta curta-metragem reside no contraste entre uma história aparentemente simples e a complexidade e densidade das personagens e relações que a compõem, promovendo várias camadas de leitura. Sem advogar uma interpretação maniqueísta, é o poder da arte enquanto instrumento de desalienação, de cidadania activa, de pensamento crítico que aqui se defende. A narrativa reveste-se da roupagem de uma relação amorosa porque é com emoções fortes, mistura de sentimentos positivos e negativos, que a geração aqui retratada narra a sua Lusitânia. Uma relação em crise que espera a salvação, o fim ou a mortífera indiferença do desinteresse quotidiano.

4 – Objectivos gerais a alcançar

A curta-metragem “Os amores de Lusitânia” visa reflectir criticamente sobre o impacto da crise de 2008 nos jovens portugueses, potenciando paralelos com outras realidades europeias. Caracteriza, assim, a relação complexa, de amor e desamor que esta geração desenvolve em relação à sua pátria. Procura, ainda, interrogar Portugal, na transversalidade de tempos históricos e regimes políticos, indagando o modo como a aliança entre os poderes político e económico condicionou a relação do país com os seus cidadãos. Descartando-se a linearidade da narrativa da culpabilização alheia, promove-se um exercício de auto-análise da cidadania portuguesa, não necessariamente procurando respostas nem soluções definitivas, mas questionando as consequências das atitudes de alheamento, desesperança e conformismo.